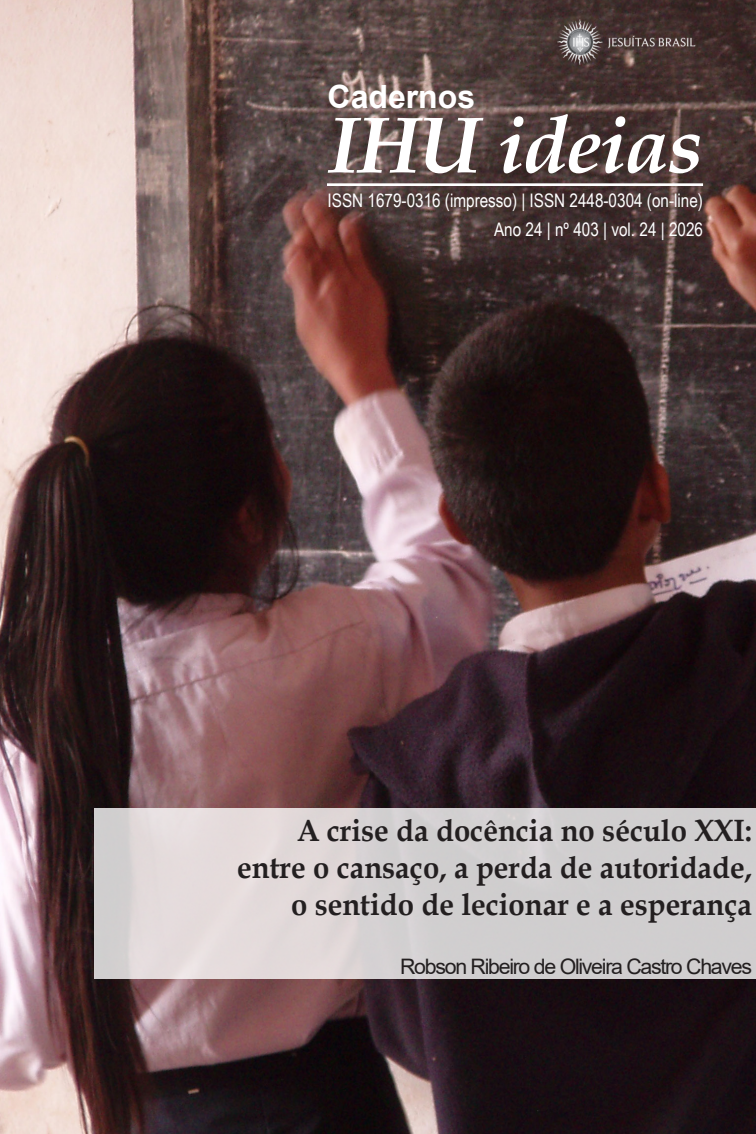


Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 403 | vol. 24 | 2026



**A crise da docência no século XXI:
entre o cansaço, a perda de autoridade,
o sentido de lecionar e a esperança**

Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 403 | vol. 24 | 2026

**A crise da docência no século XXI:
entre o cansaço, a perda de autoridade,
o sentido de lecionar
e a esperança**

Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves

Professor, filósofo, teólogo e historiador



Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 403 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: PxHere

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

A crise da docência no século XXI: entre o cansaço, a perda de autoridade, o sentido de lecionar e a esperança

Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves

A docência contemporânea encontra-se no interior de uma crise que ultrapassa os limites da profissão e revela transformações profundas na sociedade, nas relações humanas e no próprio sentido da educação. Ensinar tornou-se uma atividade atravessada pela intensificação do trabalho, pela multiplicação das responsabilidades, pela fragilização da autoridade, pela violência e pelo desrespeito, ao mesmo tempo em que se ampliam as exigências por desempenho, adaptação e resultados.

O adoecimento docente é uma das expressões mais visíveis desse processo, mas não pode ser interpretado apenas como questão individual. Cansaço, ansiedade e esgotamento também interpelam as condições institucionais e culturais que organizam o trabalho educativo. Quando à escola são transferidas responsabilidades que pertencem igualmente à família e à sociedade, o professor passa a responder por problemas que não pode solucionar sozinho. A crise da docência, portanto, é também uma crise de corresponsabilidade educativa.

Nesse contexto, é urgente recuperar a autoridade do professor em sala de aula, algo que se perdeu ao longo do tempo. A superação do autoritarismo não implica a eliminação da autoridade, mas exige sua reconstrução em bases éticas: autoridade como responsabilidade diante das novas gerações, como compromisso com o conhecimento e como capacidade de estabelecer limites, vínculos e referências. Sem autoridade, a educação corre o risco de perder uma de suas condições fundamentais: a possibilidade de introduzir os mais jovens em um mundo que não construíram, mas pelo qual também deverão assumir responsabilidade, como já afirmava Hannah Arendt.

Há, contudo, uma dimensão ainda mais profunda nessa crise: a questão do sentido. Quando o trabalho educativo é reduzido à produtividade, aos indicadores, às demandas burocráticas ou à mera execução de tarefas, a pergunta sobre por que ensinar torna-se inevitável. A contribuição de Viktor Frankl permite deslocar essa discussão para uma dimensão existencial: o trabalho não se sustenta apenas pela eficiência, mas também pela possibilidade de encontrar significado naquilo que se realiza. Na docência, essa questão assume particular relevância, pois ensinar é participar da formação de outras vidas e, conseqüentemente, do futuro de uma sociedade.

As transformações tecnológicas, especialmente a expansão da inteligência artificial, acrescentam uma nova camada a esse debate. O desafio educacional não consiste simplesmente em incorporar ou rejeitar tecnologias, mas em discernir seus limites e possibilidades. Quanto mais a técnica amplia sua capacidade de produzir e processar informações, mais necessária se torna

uma educação capaz de preservar aquilo que não pode ser reduzido a procedimentos: presença, vínculo, alteridade, responsabilidade, pensamento crítico e sentido.

Por isso, discutir a crise da docência não significa apenas diagnosticar perdas. Significa perguntar **que condições precisamos reconstruir para que ensinar continue sendo uma experiência humanamente significativa**. A valorização do professor não pode permanecer no campo retórico: exige reconhecimento, proteção institucional, corresponsabilidade e condições concretas para o exercício da profissão.

As reflexões aqui reunidas partem, portanto, de uma realidade marcada pelo cansaço, pela fragilização dos vínculos e pela crise das referências, mas não se encerram no diagnóstico. Entre a crítica e a esperança, procuram recolocar a docência no centro de uma questão maior: **que educação queremos preservar e que sociedade estamos dispostos a construir?** Afinal, cuidar de quem ensina não é apenas defender uma categoria profissional; é preservar uma das condições fundamentais para que uma sociedade continue sendo capaz de educar, transmitir conhecimentos, formar sujeitos e construir um mundo comum.

Que estas reflexões não sejam apenas uma leitura sobre a crise da docência, mas um convite a olhar, com coragem e responsabilidade, para aquilo que estamos fazendo com a educação — e para aquilo que ainda podemos reconstruir quando ensinar volta a encontrar sentido.

Boa leitura!

Professor Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves

A crise da docência no século XXI: entre o cansaço, a perda de autoridade, o sentido de lecionar e a esperança

Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves

Professor, filósofo, teólogo e historiador

Quem protege quem ensina: violência, desrespeito e desvalorização da docência

Durante muito tempo, dizer que um filho havia escolhido ser professor despertava orgulho. A docência representava conhecimento, formação e compromisso com o futuro. Hoje, porém, essa escolha muitas vezes provoca preocupação. Não porque ensinar tenha perdido sua importância, mas porque as condições de trabalho tornaram-se mais difíceis: sobrecarga,

cobranças, conflitos, violência, hiperconectividade e falta de respaldo fazem parte da experiência de muitos docentes.

Os dados revelam que o problema ultrapassa a percepção individual. Pesquisa do Instituto Semesp, realizada em 2024 com 444 professores da educação básica, mostrou que 79,4% já haviam pensado em desistir da carreira; 67,6% sentiam-se inseguros, desanimados ou frustrados com o futuro profissional; e 52,3% afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência no exercício da profissão. A TALIS 2024, da OCDE/Inep, acrescenta que 46,6% dos professores brasileiros dos anos finais do Ensino Fundamental relataram intimidação ou ofensas verbais por alunos, percentual muito superior à média de 17,6% da OCDE.

É necessário distinguir conflito pedagógico de violência. Questionar, discordar e argumentar são partes da educação. Humilhar, ameaçar, intimidar ou agredir não são. Quando a violência se torna rotina e o professor percebe que terá de enfrentar sozinho as consequências, a escola deixa de ser apenas um espaço de aprendizagem e passa a ser também um espaço de risco profissional.

Hannah Arendt ajuda a compreender a profundidade desse fenômeno. Educar implica responsabilidade dos adultos pelo mundo que apresentam às novas gerações. A autoridade do professor não significa superioridade sobre o estudante, mas responsabilidade específica pelo processo educativo. Quando essa autoridade é sistematicamente desautorizada, não é apenas o professor que perde: a própria escola perde uma referência necessária para ensinar convivência, limites e responsabilidade.

Outro problema aparece quando a escola é tratada segundo uma lógica de consumo. Em determinados contextos, o estudante passa a ser visto como cliente e o professor como prestador de serviço. A família pode deixar de ser parceira e assumir o papel de fiscal. Essa lógica é perigosa porque aprender não significa receber tudo aquilo que desejamos. Educação envolve esforço, frustração, limites, diálogo e confronto respeitoso com aquilo que ainda não conhecemos.

Também existe uma violência silenciosa: a negligência institucional. Ela ocorre quando o professor sofre uma agressão e ouve que precisa “saber lidar”; quando pede apoio e recebe novas cobranças; quando sua autoridade é questionada sem que haja mediação; quando se exige acolhimento dos estudantes sem perguntar quem acolhe o professor. Proteger o docente não significa colocá-lo contra o estudante. Significa reconhecer que uma escola segura precisa cuidar de todos os seus sujeitos.

A valorização docente, portanto, não pode limitar-se a homenagens. Valorizar significa oferecer condições concretas: respeito, segurança, tempo de planejamento, apoio institucional, formação, carreira, remuneração digna e mecanismos claros de enfrentamento à violência. Também significa reconstruir a responsabilidade compartilhada entre escola, família, Estado e sociedade.

A pergunta “Quem protege quem ensina?” ultrapassa os muros da escola. Quando um professor é humilhado, ameaçado ou abandonado diante de situações de violência, toda a comunidade educativa perde.

E quando professores deixam a profissão porque não encontram condições para permanecer, perdemos experiência, vínculos e possibilidades de futuro.

Quando ensinar adoece: burnout, depressão, ansiedade e o sofrimento silencioso dos professores

Se o primeiro estágio da crise docente é a desvalorização, o segundo aparece no corpo e na mente de quem ensina. O professor pode começar a carregar para casa aquilo que antes ficava na escola: conflitos, cobranças, medo, frustração e sensação de insuficiência. O que inicialmente parece apenas cansaço pode, quando persistente, transformar-se em sofrimento psíquico e perda de sentido profissional.

A TALIS 2024 mostra que 20,9% dos professores brasileiros dos anos finais do Ensino Fundamental relatam muito estresse relacionado ao trabalho e 16,5% afirmam que o trabalho exerce impacto negativo elevado sobre sua saúde mental. Pesquisa do Semesp indica ainda que 79,4% dos docentes entrevistados já pensaram em abandonar a carreira. Esses números não significam que todos estejam doentes, mas revelam um ambiente profissional no qual a exaustão e a insegurança não podem ser tratadas como exceções.

Burnout não é simplesmente estar cansado. Trata-se de um fenômeno associado ao estresse crônico no trabalho, marcado por exaustão, distanciamento em

relação à atividade e redução do sentimento de realização profissional. Estudos brasileiros identificam entre os fatores relacionados ao burnout docente a sobrecarga, a violência, a desvalorização, os conflitos, a precarização e a falta de suporte institucional.

A depressão também precisa ser compreendida com cuidado. Não é correto atribuir uma doença complexa exclusivamente ao trabalho docente, pois existem múltiplos fatores envolvidos. Mas também não é possível ignorar o ambiente profissional. Pesquisas brasileiras encontram sintomas de depressão, ansiedade, estresse e solidão entre professores, especialmente em contextos de elevada pressão e pouca proteção.

Byung-Chul Han oferece uma chave importante para compreender esse cenário. Na sociedade do desempenho, o indivíduo é levado a acreditar que precisa produzir continuamente, superar seus próprios limites e transformar cada dificuldade em oportunidade de desempenho. O professor contemporâneo pode ser capturado por essa lógica: precisa ensinar mais, inovar mais, acompanhar mais, registrar mais, responder mais e estar disponível por mais tempo. A cobrança não vem apenas de fora; ela pode ser interiorizada como culpa por não conseguir fazer tudo.

Hartmut Rosa acrescenta a dimensão da aceleração. A escola também experimenta a sensação de que tudo precisa acontecer rapidamente: conteúdos, avaliações, projetos, mensagens, respostas e resultados. Entretanto, educação exige tempo. Relações educativas não podem ser aceleradas indefinidamente. Conhecimento precisa de maturação, e vínculos precisam de presença.

Há, então, uma pergunta essencial: quem cuida de quem cuida? Não basta oferecer palestras ocasionais sobre saúde mental se as próprias condições de trabalho permanecem adoecedoras. Cuidar exige prevenção, escuta, apoio psicológico, gestão preparada, limites de jornada e uma cultura institucional que não transforme sofrimento em sinal de incompetência.

Também é necessário abandonar a romantização da resiliência. Dizer que o professor é guerreiro, forte ou capaz de suportar tudo pode parecer elogio, mas se transforma em violência quando serve para justificar condições inadequadas. Vocação não é autorização para exploração. Amar ensinar não significa aceitar adoecer.

Quando o trabalho perde o sentido: Viktor Frankl e a crise existencial da docência

De depois de falar sobre violência, desvalorização e adoecimento, surge uma pergunta ainda mais profunda: o que acontece quando o professor deixa de encontrar sentido naquilo que faz? A questão não é apenas se recebe um salário adequado ou se possui boas condições de trabalho, mas se consegue reconhecer no próprio cotidiano alguma razão que faça seu esforço valer a pena. É nesse ponto que Viktor Frankl pode iluminar a crise contemporânea da docência.

Frankl, fundador da Logoterapia, desenvolveu sua reflexão a partir da compreensão de que o ser humano é profundamente marcado pela busca de sentido. Em situações extremas, descobriu que a existência humana não pode ser reduzida à busca de prazer, segurança ou sucesso. Há também uma necessidade de encontrar uma razão para viver, escolher e responder às circunstâncias. Essa perspectiva ganha força quando pensamos no professor que continua trabalhando, mas já não consegue responder à pergunta: “Para que estou fazendo tudo isso?”.

O problema não é simplesmente o excesso de tarefas. É a perda da relação entre tarefa e significado. O professor pode preparar aulas, corrigir avaliações, preencher relatórios e cumprir horários e, ainda assim, sentir que sua atividade se transformou em uma sequência de obrigações sem horizonte. Quando o trabalho deixa de ser percebido como contribuição e passa a ser vivido apenas como sobrevivência, instala-se uma espécie de vazio profissional.

Byung-Chul Han ajuda a compreender esse processo pela sociedade do desempenho. O indivíduo passa a acreditar que precisa produzir continuamente e superar a si mesmo. Hartmut Rosa, por sua vez, mostra como a aceleração comprime o tempo e dificulta relações profundas. Na escola, isso significa mais tarefas, mais velocidade e mais cobrança, enquanto diminui o espaço para aquilo que torna a educação verdadeiramente humana: presença, encontro, escuta e maturação.

A contribuição de Frankl, entretanto, não deve ser usada para romantizar o sofrimento. Encontrar sentido não significa aceitar violência, exploração ou abandono

institucional. Uma injustiça que pode ser transformada precisa ser enfrentada. Ter vocação não significa suportar condições abusivas. O sentido não está em procurar o sofrimento, mas em assumir uma resposta responsável diante da realidade.

A crise de sentido aparece quando o professor já não consegue perceber para quem e para que ensina. Nesse momento, a profissão pode perder sua dimensão humana. O estudante deixa de ser pessoa e torna-se número; a aula torna-se tarefa; a avaliação torna-se cobrança; o projeto torna-se indicador. A educação continua funcionando, mas algo essencial desaparece: a percepção de que aquele trabalho está relacionado à formação de vidas.

Perguntar “para que ensino?” pode ser doloroso, mas também pode ser necessário. O sentido não é encontrado apenas nos grandes resultados. Muitas vezes ele aparece em um estudante que finalmente compreendeu uma ideia, em uma pergunta inesperada, em uma palavra de incentivo ou na descoberta de uma possibilidade que antes parecia inexistente. Ensinar é uma atividade voltada para o futuro, e o professor quase nunca consegue medir imediatamente os frutos de seu trabalho.

Quando o professor perde essa perspectiva, não perde apenas motivação. Pode perder uma dimensão de sua própria identidade. Por isso, a crise docente precisa ser compreendida também como crise de sentido. Antes de perguntar como fazer o professor produzir mais, talvez seja preciso perguntar: o que estamos fazendo para que seu trabalho continue valendo a pena?

Essa pergunta prepara o próximo passo: se o sentido pode ser perdido, também pode ser buscado e reconstruído.

Ensinar como escolha de sentido. A busca de sentido, responsabilidade e esperança em Viktor Frankl

Viktor Frankl nos permite avançar da constatação da perda de sentido para uma pergunta de esperança: é possível reencontrar razões para continuar? Para Frankl, o sentido não é uma fórmula universal que alguém entrega pronta. Ele aparece concretamente na relação da pessoa com sua vida, suas escolhas, seus vínculos e as situações que enfrenta. A existência não pergunta apenas “qual é o sentido da vida?”; ela também coloca diante de cada pessoa situações que exigem uma resposta responsável.

Essa perspectiva é especialmente fecunda para a docência. O professor não controla todas as condições em que trabalha. Não controla a política educacional, o comportamento de cada estudante, as decisões administrativas, as desigualdades sociais ou a cultura digital. Isso não significa aceitar passivamente o que precisa ser transformado. Significa reconhecer que, mesmo em circunstâncias difíceis, existe uma dimensão de liberdade relacionada à maneira como respondemos à realidade.



O sentido de ensinar pode estar no encontro com pessoas. Uma aula não é apenas transmissão de conteúdo; é uma oportunidade de abrir possibilidades. O professor pode apresentar um livro, provocar uma pergunta, estabelecer um limite, acolher uma dificuldade ou insistir quando um estudante já desistiu de si mesmo. Muitas vezes, o resultado de uma ação educativa só aparece anos depois.

Essa visão também ajuda a superar a lógica de produtividade que domina parte da educação contemporânea. Nem tudo aquilo que importa pode ser imediatamente medido. Uma escola pode produzir bons indicadores e ainda falhar na formação humana. Da mesma forma, uma conversa que não aparece em nenhum relatório pode modificar profundamente a trajetória de alguém. O sentido do trabalho docente não cabe inteiramente em números.

Frankl também nos ajuda a compreender que encontrar sentido não é o mesmo que justificar o sofrimento. O professor não precisa sofrer para provar que ama sua profissão. Não há dignidade em aceitar violência evitável, exploração ou abandono. A busca de sentido deve caminhar junto com a transformação das condições injustas. A responsabilidade pessoal não elimina a responsabilidade coletiva.

A esperança docente nasce quando o professor consegue perceber que seu trabalho participa de algo maior do que a tarefa imediata. Educar é trabalhar com o futuro sem possuí-lo. É plantar sabendo que talvez outra pessoa colha. É acreditar que uma palavra, uma aula ou uma relação pode permanecer na vida de alguém muito depois de o professor ter esquecido aquele momento.

Nesse sentido, a docência possui uma dimensão profundamente ética. O professor responde diante de pessoas concretas, e não apenas diante de metas. Seu trabalho possui valor porque participa da construção de sujeitos capazes de pensar, escolher e conviver. Recuperar esse sentido não significa voltar a uma visão idealizada da profissão, mas reconhecer sua humanidade.

A sociedade também precisa assumir sua parte. Não podemos exigir que cada professor encontre sozinho um sentido para uma profissão que coletivamente tornamos cada vez mais difícil. A busca individual por sentido precisa encontrar condições sociais que permitam sua realização.

Talvez a grande pergunta seja: “Por que ensinar?”. Não existe uma única resposta. Para alguns, será o conhecimento; para outros, a transformação social; para outros, o encontro com os estudantes. Mas existe uma resposta que atravessa todas: ensinar pode significar participar da possibilidade de que outra vida encontre novos caminhos. É nessa possibilidade que o professor pode reencontrar esperança.

A crise da autoridade docente. Entre autoridade, autoritarismo e responsabilidade educativa

Uma das raízes da crise contemporânea da docência está na dificuldade de distinguir autoridade de autoritarismo. Durante décadas, o debate educacional oscilou entre modelos rígidos e uma compreensão equivocada de que uma escola democrática deveria funcionar praticamente sem referências, limites ou assimetrias. Nenhuma dessas alternativas responde adequadamente à tarefa educativa.

Hannah Arendt compreende a educação como responsabilidade dos adultos pelo mundo e pelas novas gerações. O professor não é superior ao estudante, mas possui uma responsabilidade diferente. Ele conhece algo que o estudante ainda está aprendendo e assume a tarefa de apresentar esse conhecimento, orientar o percurso e estabelecer condições para a convivência. Autoridade, nesse sentido, é responsabilidade, não privilégio.

Quando toda intervenção docente é interpretada como autoritarismo, o professor perde legitimidade para estabelecer limites. O resultado não é necessariamente mais liberdade. Pode ser apenas ausência de referências. Uma criança ou adolescente precisa experimentar autonomia, mas também precisa encontrar adultos capazes de dizer não, explicar por quê, sustentar regras e assumir responsabilidades.

A crise da autoridade também se relaciona à transformação das relações escolares. Em uma cultura orientada pelo consumo, existe o risco de interpretar o estudante como cliente e a escola como prestadora de serviços. Mas educação não pode ser organizada apenas pela satisfação imediata. Aprender envolve esforço, frustração, espera, disciplina intelectual e capacidade de conviver com aquilo que contraria nossas expectativas.

Reconstruir a autoridade docente não significa voltar a modelos autoritários. Significa criar uma autoridade democrática, baseada em competência, coerência, diálogo e responsabilidade. O professor precisa poder corrigir sem humilhar, estabelecer limites sem violência e ser firme sem deixar de escutar.

A família possui papel decisivo. Quando a escola estabelece um limite pedagógico e a família automaticamente desautoriza o professor, o estudante recebe uma mensagem perigosa: toda frustração pode ser transformada em reclamação e toda regra pode ser negociada em benefício próprio. A parceria entre família e escola não exige concordância em tudo; exige confiança suficiente para conversar antes de julgar.

A autoridade também precisa ser protegida institucionalmente. Não basta pedir ao professor que tenha domínio de turma se, diante de situações graves, ele não recebe respaldo. Não basta exigir equilíbrio emocional se a instituição não estabelece protocolos claros para violência e conflito. Autoridade pedagógica precisa de uma estrutura que a sustente.

Em uma sociedade plural, o professor não pode ser dono da verdade. Mas pluralidade não significa ausência de critérios. O pensamento crítico nasce justamente quando existem conhecimentos, argumentos e referências que podem ser examinados e questionados.

Reconstruir a autoridade docente é, portanto, uma tarefa ética. Significa reconhecer que educar não é apenas transmitir conteúdos, mas introduzir os mais jovens em um mundo comparti sem medo e de estudantes que aprendam que liberdade e responsabilidades caminham juntas.

A escola entre a família e a sociedade: quando todas as responsabilidades chegam à sala de aula

A escola contemporânea recebe problemas que ultrapassam sua função específica. Questões familiares, conflitos sociais, desigualdades, violência, sofrimento emocional, dificuldades de convivência e impactos das redes digitais chegam diariamente à sala de aula. O professor, muitas vezes, torna-se a primeira pessoa a perceber esses problemas e acaba sendo chamado a responder por questões que nenhuma instituição poderia resolver sozinha.

A família é parte indispensável do processo educativo, mas a relação entre família e escola precisa ser de parceria, não de transferência de responsabilidades. A escola não substitui a família, assim como a família

não pode transferir para a escola toda a formação moral, social e emocional dos filhos. Quando isso acontece, o professor passa a ocupar um lugar impossível: espera-se que ensine conteúdos, forme valores, medie conflitos, acompanhe dificuldades emocionais, utilize tecnologia, mantenha famílias informadas e ainda responda por resultados.

Essa sobreposição de funções alimenta a sensação de que o professor precisa dar conta de tudo. Quando algo não funciona, a pergunta frequentemente recai sobre ele. Se o estudante não aprende, questiona-se sua metodologia. Se há indisciplina, questiona-se sua gestão de sala. Se há conflito, espera-se sua mediação. Se existe sofrimento emocional, espera-se acolhimento. A responsabilidade educativa, que deveria ser compartilhada, acaba concentrada sobre um único profissional.

A situação é agravada pela comunicação permanente. Aplicativos e redes sociais facilitaram o contato entre famílias e escolas, mas também dissolveram fronteiras. Uma dúvida pode chegar à noite, uma reclamação pode circular rapidamente e uma situação ocorrida na escola pode ser exposta publicamente em poucos minutos. A conectividade trouxe possibilidades importantes, mas não pode significar disponibilidade ilimitada.

O desafio é reconstruir limites saudáveis. A família precisa poder dialogar com a escola, mas o professor também precisa ter direito ao seu tempo. O estudante precisa ser ouvido, mas não pode ser colocado como consumidor que determina todas as regras. A escola precisa ser acolhedora, mas não pode assumir sozinha funções que pertencem a toda a sociedade.

Uma educação realmente integral depende de uma rede de responsabilidades. Estado, famílias, escolas, gestores, professores, estudantes e comunidade precisam compreender que ninguém educa sozinho. O professor é fundamental, mas não pode ser transformado em solução para todas as insuficiências sociais.

Proteger a docência significa também redistribuir responsabilidades. Quando todos reconhecem sua parte, o professor deixa de ser o ponto final de todas as cobranças e volta a ocupar o lugar que lhe pertence: o de profissional responsável por ensinar, formar e participar de uma comunidade educativa.

A escola não pode resolver sozinha os problemas de uma sociedade. Mas pode ajudar a formar pessoas capazes de enfrentá-los. Para isso, precisa de professores que não estejam permanentemente sozinhos diante de responsabilidades que pertencem a todos.

Valorizar o professor é defender o futuro: reconhecimento, proteção e reconstrução da esperança docente

De depois de percorrer a violência, a perda de autoridade, a sobrecarga e o adoecimento, chegamos a uma questão decisiva: o que precisamos fazer para que o professor queira permanecer? Não basta lamentar a

crise da docência. É necessário reconstruir as condições que tornam possível ensinar com dignidade e esperança.

Valorizar não significa apenas homenagear. Significa criar condições concretas de trabalho. Remuneração digna, carreira, tempo de planejamento, formação continuada, segurança, apoio psicológico, gestão qualificada e mecanismos de proteção diante da violência fazem parte de uma política real de valorização. Sem essas condições, a palavra valorização corre o risco de se transformar em discurso vazio.

Os dados já mostram sinais de alerta. Quando 79,4% dos professores de uma pesquisa nacional afirmam que já pensaram em abandonar a carreira, a sociedade precisa perguntar por que uma profissão tão necessária está perdendo capacidade de reter seus profissionais. A resposta não pode ser simplesmente exigir mais vocação. Vocação ajuda a sustentar uma escolha, mas não substitui condições de trabalho.

Também precisamos mudar a maneira de falar sobre o professor. É preciso abandonar tanto a imagem do profissional como herói que suporta tudo quanto a imagem do servidor que apenas executa tarefas. O professor é um intelectual da educação, um profissional da formação humana e um participante fundamental da construção do mundo comum.

O Pacto Educativo Global, proposto pelo Papa Francisco, recorda que educar exige compromisso coletivo. Essa perspectiva ajuda a superar a ideia de que a escola é uma ilha. O futuro da educação depende de uma aliança entre pessoas e instituições dispostas a colocar a pessoa humana no centro.

Valorizar o professor também significa devolver sentido à profissão. Em uma sociedade acelerada, na qual tudo parece precisar gerar resultados imediatos, ensinar continua sendo uma atividade de longo prazo. O professor raramente vê imediatamente o resultado de seu trabalho. Muitas vezes, uma palavra dita hoje só será compreendida anos depois. Uma aula pode parecer esquecida e, entretanto, permanecer na memória de um estudante por toda a vida.

É justamente por isso que a crise docente precisa ser tratada como questão de futuro. Quando um professor abandona a profissão, não perdemos apenas uma mão de obra. Perdemos experiência, conhecimento, memória e vínculos. Quando um jovem desiste de tornar-se professor porque observa o sofrimento de quem já está na carreira, perdemos uma possibilidade futura de renovação.

Cuidar do professor é, portanto, uma escolha social. Significa reconhecer que aqueles que formam médicos, engenheiros, artistas, cientistas, trabalhadores e cidadãos também precisam ser cuidados. Não existe profissão que não tenha passado, em algum momento, pela escola.

Talvez a pergunta final seja simples: que sociedade queremos construir? Se desejamos uma sociedade capaz de respeitar o conhecimento, o diálogo, a democracia e a dignidade humana, precisamos começar reconhecendo aqueles que trabalham diariamente para tornar esses valores possíveis.

O professor não precisa ser tratado como herói. Precisa ser tratado como pessoa, profissional e sujeito de direitos. Precisa poder ensinar sem medo, trabalhar sem adoecer e encontrar sentido naquilo que faz.

Porque valorizar o professor não é apenas agradecer pelo passado. É proteger a possibilidade de futuro.

O uso consciente da inteligência artificial

A inteligência artificial já faz parte da nossa vida cotidiana. Ela está presente nos celulares, nas redes sociais, nos mecanismos de busca, nos aplicativos, nas plataformas educacionais e em inúmeras ferramentas utilizadas para estudar, trabalhar, criar e comunicar. Diante dessa realidade, a grande questão não é simplesmente decidir se devemos ou não utilizar a inteligência artificial, mas aprender a utilizá-la de maneira consciente, ética e responsável.

A inteligência artificial pode ser uma importante aliada da educação. Ela pode ajudar a pesquisar informações, organizar ideias, esclarecer dúvidas, produzir textos, criar imagens, desenvolver projetos e encontrar diferentes caminhos para solucionar problemas. Entretanto, utilizar uma ferramenta não significa entregar a ela a responsabilidade pelo nosso pensamento. A inteligência artificial pode oferecer respostas, mas pensar, questionar, interpretar, criar e tomar decisões continuam sendo responsabilidades humanas.

Essa preocupação está presente na encíclica Magnifica Humanitas, do Papa Leão XIV, dedicada à salvação da pessoa humana na era da inteligência artificial. O Papa reconhece que as novas tecnologias podem contribuir para o desenvolvimento humano, mas alerta para o perigo de transformar a eficiência tecnológica em critério absoluto. Segundo ele, “mais poderoso não significa necessariamente melhor” (Magnifica Humanitas, n. 93).

Essa afirmação nos ajuda a compreender um dos grandes desafios do nosso tempo: nem tudo aquilo que a tecnologia consegue fazer precisa necessariamente ser feito por ela. A rapidez não é sinônimo de aprendizagem; a quantidade de informações não significa conhecimento; e uma resposta pronta não substitui o processo de pensar.

Na educação, esse cuidado é ainda mais importante. Um estudante pode utilizar a IA para compreender melhor um assunto, levantar possibilidades, comparar argumentos ou organizar suas ideias. Porém, quando simplesmente copia uma resposta produzida por uma ferramenta, deixa de realizar justamente aquilo que deveria constituir o centro da experiência educativa: aprender. A tecnologia pode facilitar o caminho, mas não pode caminhar no lugar do estudante.

Leão XIV chama atenção precisamente para esse risco ao afirmar que a facilidade de obter respostas pode nos habituar a “delegar em demasia e a procurar respostas prontas”, enfraquecendo nossa própria opinião e criatividade (Magnifica Humanitas, n. 100).

Por isso, utilizar a inteligência artificial de maneira consciente significa também saber quando não utilizá-la. Nem toda pergunta precisa ser respondida por uma máquina. Há aprendizagens que acontecem justamente quando enfrentamos uma dificuldade, tentamos novamente, erramos, corrigimos, conversamos com outras pessoas e construímos uma resposta com nosso próprio esforço.

Outro aspecto fundamental é a verificação das informações. A inteligência artificial pode apresentar respostas incorretas, incompletas ou distorcidas, mesmo quando utiliza uma linguagem convincente. Por isso, é necessário desenvolver uma postura crítica: não devemos considerar verdadeira uma informação simplesmente porque ela foi produzida por uma inteligência artificial. É preciso comparar fontes, verificar dados, consultar referências confiáveis e avaliar os argumentos apresentados.

Também existe uma dimensão ética. O uso consciente da IA envolve respeito à privacidade, aos direitos autorais e à dignidade das pessoas. Não devemos utilizar essas ferramentas para plagiar trabalhos, produzir desinformação, manipular imagens, prejudicar alguém ou tomar decisões importantes sem considerar as consequências humanas. Como destaca Leão XIV, a inteligência artificial “não é moralmente neutra”, pois toda tecnologia envolve escolhas, prioridades e determinada compreensão sobre aquilo que deve ser valorizado ou ignorado.

Nesse sentido, a pergunta mais importante não é apenas “O que a inteligência artificial pode fazer?”, mas também “O que nós devemos fazer com aquilo

que ela pode fazer?”. Essa mudança de perspectiva é fundamental. Ela desloca a discussão da simples capacidade tecnológica para a responsabilidade humana.

A inteligência artificial também não deve ser confundida com a inteligência humana. Leão XIV recorda que os sistemas artificiais podem processar enormes quantidades de dados e realizar determinadas tarefas com grande velocidade, mas não possuem experiência humana, consciência moral, relações, sentimentos ou responsabilidade pessoal. Assim, por mais sofisticada que seja uma tecnologia, ela não substitui aquilo que constitui a profundidade da experiência humana.

Usar a inteligência artificial conscientemente significa, portanto, utilizá-la como instrumento e não como substituta da inteligência, da consciência e das relações humanas. Na escola, isso significa transformar a IA em uma oportunidade para fazer perguntas melhores, investigar, comparar informações, desenvolver a criatividade e aprofundar o conhecimento.

O desafio não é ter medo da tecnologia, mas aprender a governá-la. Não precisamos escolher entre rejeitar a inteligência artificial ou aceitá-la sem limites. Precisamos desenvolver discernimento. A tecnologia deve permanecer a serviço da pessoa, da educação, da justiça, da solidariedade e do bem comum.

No fundo, a pergunta sobre a inteligência artificial é uma pergunta sobre nós mesmos. Que tipo de sociedade queremos construir? Queremos uma sociedade em que tudo seja cada vez mais rápido, automatizado e eficiente, ou uma sociedade em que a tecnologia contribua para uma vida mais humana? Queremos utilizar a IA para pensar menos ou para pensar melhor? Que-

remos substituir relações humanas por simulações ou utilizar a tecnologia para fortalecer nossas possibilidades de encontro?

O Papa Leão XIV apresenta justamente esse horizonte ao afirmar que a verdadeira questão é saber se a inteligência artificial torna a vida humana “mais humana” e mais “digna do homem” (Magnifica Humanitas, n. 129).

Essa pode ser uma das perguntas fundamentais para o nosso tempo. Sempre que utilizarmos uma inteligência artificial, deveríamos perguntar: Estou aprendendo ou apenas copiando? Estou ampliando minha capacidade de pensar ou deixando de pensar? Estou utilizando a tecnologia para servir ao ser humano ou permitindo que o ser humano se torne dependente dela?

A inteligência artificial pode ser uma extraordinária ferramenta para o futuro. Mas o futuro não será definido apenas pela capacidade das máquinas. Será definido, sobretudo, pela sabedoria com que os seres humanos escolherem utilizá-las. O verdadeiro progresso não acontece quando conseguimos fazer tudo mais rápido, mas quando conseguimos fazer aquilo que realmente importa sem perder a nossa humanidade.

Como nos recorda Leão XIV, não precisamos ter medo da inteligência artificial, mas precisamos “manter viva a questão do humano”.

E talvez seja justamente essa a grande tarefa da educação diante da inteligência artificial: ensinar a utilizar as máquinas sem permitir que elas ocupem o lugar da consciência, da criatividade, da responsabilidade, do encontro e da capacidade humana de pensar.

Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves



Robson Ribeiro de Oliveira Castro

Chaves é professor, filósofo, teólogo e historiador. Graduado em História (2011), Filosofia (2021) e Teologia (2022), é mestre em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), de Belo Horizonte (2017). Possui pós-graduação lato sensu em Direito Matrimonial Canônico (2012), em Ética e Doutrina Social da Igreja pela Faculdade João Paulo II (FAJOPA, 2021) e em Projetos e Inovação na Educação (2024).

Atua como professor nas áreas de Teologia, Filosofia, Sociologia, História, Ensino Religioso e Projeto de Vida. Desenvolve estudos e pesquisas no campo da ética, da educação e das relações humanas, com especial interesse nas questões relacionadas à autoridade, à alteridade, aos vínculos sociais, à transformação das relações humanas e aos desafios impostos pelas novas tecnologias e pela aceleração da vida contemporânea.

Suas pesquisas procuram compreender como a educação pode resistir às dinâmicas de liquidez, superficialidade e hiperprodutividade que marcam a contemporaneidade, favorecendo a construção de vínculos significativos, a formação ética e a recuperação do sentido de um mundo comum. Em diálogo com autores como Hannah Arendt, Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han e Hartmut Rosa, articula filosofia, teologia e educação na reflexão sobre os desafios da formação humana, da docência e das relações intergeracionais.



É colaborador e colunista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, de São Leopoldo (RS), além de colaborador do *Vatican News – Dicasterium pro Communicatione* e colunista da Diocese de Campos dos Goytacazes (RJ). Sua produção contempla artigos acadêmicos e ensaios sobre ética, educação, docência, vínculos sociais, Pacto Educativo Global, ecologia integral, tecnologia e os desafios culturais e educacionais do mundo contemporâneo.

Acesse todas as reflexões de Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves em: <https://www.ihu.unisinos.br/>



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airtton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoececer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Amo Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmänn
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Casculo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirceu Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza



- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstrosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lüticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bôe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Ferabolli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher
- N. 393 Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global - Guilherme Tenher Rodrigues
- N. 394 Trans:humanismo (H-) e Audiovisual - Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides
- N. 395 O Estado como agência reguladora do crime? - Jacqueline Muniz
- N. 396 É preciso sair da ilha para vê-la: uma jornada de desconstrução sionista - Bruno Hender
- N. 397 Simondon Cósmico - Gilbert Simondon e Thiago Novaes
- N. 398 Curto-circuito dos afetos: sintomas da razão cínica nas juventudes - lael de Souza
- N. 399 Por uma política da filosofia - Sandro Chignola
- N. 400 400 anos de Missões fora do armário - Jean Tiago Baptista
- N. 401 Da inteligência coletiva à democracia aumentada - Felipe Fortes e Giuseppe Cocco



N. 402 Das ruas aos coletivos de ação: evoluções do ativismo jovem no século XXI - Luiz
Inácio Gaiger

 UNISINOS